Onde está a Emma?

Carlota Mendes da Cunha

Eram 4:12 da manhã do dia 28 de julho de 2023, quando a polícia foi a casa da Família Barbosa.

O desespero era real, choros e gritos vinham da sala da família enquanto eram interrogados. A Srª Barbosa só perguntava o porquê de a polícia ter chegado tão tarde, quando a mesma lhes tinha ligado há uma hora atrás a reportar o desaparecimento da sua filha Emma. Estava revoltada, não conseguia compreender tamanha falta de profissionalismo e despreocupação sobre um assunto tão grave.

Os agentes, ignoravam os comentários feitos pela mãe e focavam-se no importante, conseguir informações sobre a Emma.

- Sr. Barbosa, consegue mostrar-nos uma fotografia da sua filha? Que idade tem? Quando foi a última vez que a viram? – Perguntava um dos polícias.

O pai vai à carteira e tira uma fotografia de uma menina com cabelos loiros, pele clara como a neve e uns olhos azuis como o céu. Referiu que filha tinha feito dez anos há um mês e que, a última vez que a viram foi às 22:00, quando a foram deitar na sua cama.

O polícia, que tomava notas num pequeno bloco, levantou a cabeça e olhou para o Sr. Barbosa, que estava sentado no sofá, viu algo que o deixara incomodado e referiu que, mentir e desrespeitar as autoridades tinha consequências.

O Sr. e a Srª Barbosa ficaram confusos e perguntaram ao agente sobre o que é que ele se referia, pois não estavam a entender. O polícia respondeu que a Emma estava mesmo atrás do sofá onde estava sentado o Sr. Barbosa e que, o que passou ali, naquela noite, era uma falta de respeito.

Os pais ao olhar para trás vêm uma menina igual à Emma e dizem aos agentes que era um mal-entendido pois aquela era a irmã gémea da Emma, a Elisa. O agente, envergonhado, pede desculpas à família e prossegue com o interrogatório.

Ao fim de uma hora, os policias deixam a casa e chamam a equipa para o terreno em busca de pistas da pequena Emma.

Nessa manhã, o caso é entregue à polícia judiciaria e ao agente Morais. Os pais são novamente interrogados e desta vez, a irmã Elisa é interrogada também. O agente Morais olha para a pequena e pergunta:

- Diz-me Elisa, ontem à noite quando os vossos pais vos foram deitar, aconteceu alguma coisa de diferente do habitual?

Elisa olha para o polícia com um ar triste e responde à pergunta.

- Não sei, eu adormeci logo. Só me lembro de acordar com um barulho e ver que a minha irmã já não estava na cama dela.

- E depois o que é que fizeste? - perguntou o agente Morais.

- Fui ver se ela tinha ido à casa de banho. Vi que não estava e fui chamar os meus pais.

O agente Morais ficara intrigado, como é que uma menina de 10 anos desaparecera sem deixar rastro e sem que a irmã que dormia na cama ao lado se apercebesse!

Um telemóvel toca. Era o telemóvel do agente Morais! Tira-o do bolso e afasta-se da família Barbosa para atender a chamada. É o seu colega de investigação, o agente Sousa.

- Morais, encontramos uns sapatos de menina a cem metros da casa da vítima, vou enviar-te uma fotografia para perguntares aos pais se são da Emma. - Disse o agente Sousa.

-Afirmativo Sousa, já recebi.

O agente Morais aproxima-se da família e conta-lhes o sucedido. Assim que lhes mostra a fotografia a Srª Barbosa desaba a chorar e diz que são da Emma. O pânico volta a instalar-se na casa dos Barbosa. O agente Morais retira-se com pressa para ir até o local onde encontraram a primeira pista do caso.

Quando chega, depara-se com a sua equipa no meio de um descampado à procura de mais pistas que os leve à Emma.

- Sousa! – grita o agente Morais à medida que se aproxima do parceiro.

- A mãe confirmou, os sapatos são da miúda. – Referiu.

O agente Morais olha em volta, para a paisagem do descampado, enquanto a equipa vasculhava cada centímetro do terreno em busca de mais pistas.

- Continuem a procurar! Precisamos de encontrar mais evidências. – ordenou Morais.

As horas passavam, e a tensão que existia no ar era evidente. Finalmente, um dos agentes chamou a atenção de Morais.

- Agente Morais, encontramos qualquer coisa! – gritou, levantando um pedaço de tecido branco, sujo com umas gotas de sangue. Morais apressou-se até ao local.

-Será da Emma também? – Perguntou Sousa, ao ver o agente Morais a inspecionar o pedaço de tecido.

- A Srª Barbosa referiu que o provável era que a Emma tivesse desaparecido com a camisa de dormir que tinha vestida e com uns sapatos cor de rosa, sendo que eram apenas essas roupas que faltavam no roupeiro das meninas. Curiosamente, a camisa de dormir era branca. O agente Morais ficara preocupado, seria o sangue da Emma?

Após mandar as provas para o laboratório, ordenou à equipa que continuasse a procurar, dizendo que a menina devia estar por perto.

- Precisamos de nos dividir em grupos para cobrir mais terreno. - Sugeriu o agente Sousa, enquanto olhava para Morais.

- Boa ideia, leva metade dos homens mais para perto da margem do rio e eu fico aqui com o resto. – ordenou Morais.

O agente Sousa reuniu um pequeno grupo, e partiu em direção à margem do rio. Morais, por sua vez, começou a coordenar as buscas nas áreas circundantes. De repente, ele ouviu um som de passos rápidos vindo da direção da casa dos Barbosa. Virou-se e viu Elisa correndo na sua direção, com os pais logo atrás.

- Elisa, espera! – gritou a mãe, enquanto acelerava o passo em direção à filha.

A menina parou ofegante, e olhou para o agente Morais com os olhos brilhantes.

- Eu... eu lembrei-me de uma coisa. – disse a menina com uma voz trémula.

- O que foi, Elisa? – ajoelhando-se para ficar ao nível da menina.

- Quando eu ouvi o barulho e acordei, a Emma ainda estava no quarto. Estava à janela a falar com alguém, mas eu não consegui ver quem era. Pude ouvi-los falar sobre uma surpresa qualquer, até que a vi a sair pela janela! – confessou Elisa, entre soluços.

O agente Morais franziu a sobrancelha, debruçando-se sobre a nova informação.

- Isto muda tudo. Precisamos de descobrir quem é esta pessoa. - disse ele, voltando-se para a equipa. - Alguém precisa de voltar à casa dos Barbosa para ver se encontramos mais alguma coisa no quarto das gémeas.

Um dos agentes ouviu e correu de volta para a casa dos Barbosa. Morais olha

novamente para Elisa.

-Tens alguma ideia de quem poderia ser essa pessoa? Alguém que vocês conheçam? - perguntou, tentando ser o mais gentil possível. A Elisa abanou a cabeça, confusa.

-Não sei...eu só ouvi uma voz, mas não reconheci. – respondeu ela.

Passados uns minutos, o agente que tinha voltado à casa retornou com uma notícia.

-Morais, encontrámos uma carta no quarto das gémeas. Parece ser de alguém que se identificou como um amigo. Diz que ia ter com a Emma para lhe mostrar um lugar especial, tal como tinham combinado. - Relatou o agente, entregando a carta a Morais.

Morais leu-a rapidamente, que era mais um quebra-cabeça. Decidiu mostrar aos pais da Emma, esperando que pudessem reconhecer a caligrafia ou o estilo da escrita.

- Podem dar uma vista de olhos nesta carta? Reconhecem a caligrafia ou sabem quem a poderia ter escrito? - perguntou ele, entregando a carta aos pais.

A mulher pegou na carta com as mãos trémulas, enquanto os olhos passavam pelas palavras escritas com uma caligrafia infantil. Depois de um momento, ela olhou para o marido, que balançou a cabeça, igualmente perplexo.

- Não reconhecemos a caligrafia. E a Emma nunca mencionou nenhum amigo com quem trocasse cartas, ela só tem dez anos, isto não faz sentido! - disse o Sr. Barbosa, confuso.

O agente Morais começava a formar um perfil. Uma criança ou alguém muito próximo da família. Alguém que tivesse acesso à casa sem levantar suspeitas. Precisava de agir rápido.

- Elisa, preciso que te concentres. Lembras-te de mais alguma coisa sobre a pessoa na janela? Qualquer detalhe pode ser crucial. - disse ele, com um tom encorajador.

Elisa respirou fundo e fechou os olhos, tentando lembrar-se.

- A voz era suave, mas, ... mas tinha um sotaque, como o do tio João. - Revelou ela, abrindo os olhos.

O agente Morais arregalou os olhos, finalmente tinham um nome na mesa.

- Sr. Barbosa, pode falar-nos mais sobre o tio João? Ele tem algum hábito de visitar a família sem avisar? - perguntou Morais, olhando diretamente para o pai.

- O João? Ele é meu irmão. Costuma visitar-nos de vez em quando, mas avisou sempre antes de vir. Não posso imaginar que ele tenha alguma coisa a ver com isto. - respondeu ele, balançando a cabeça.

O agente Morais tomou nota do que o Sr. Barbosa lhe disse, mas algo continuava a incomodá-lo.

- Ele esteve aqui recentemente? - continuou Morais.

- Sim, há dois dias. Veio trazer um presente para as meninas. - respondeu o pai.

O Morais troca um olhar significativo com Sousa. Eles precisavam de investigar o tal tio João. Nesse momento, um agente entrou apressadamente na sala com uma expressão de urgência.

- Agente Morais, encontrámos algo que pode ser importante. – disse o agente.

Os agentes Morais e Sousa seguiram-no até à parte de trás da casa, onde havia uma estrutura que parecia ser um depósito de água. Dentro, encontraram uma pequena lanterna e um par de luvas infantis.

- Estas coisas pertencem à Emma? – Perguntou o Morais, enquanto as segurava na mão.

A mãe da menina, que tinha seguido os agentes, confirmou com um aceno de cabeça e disse:

- Sim são dela. Mas porque é que estariam aqui? – perguntou ela confusa.

O agente Morais refletiu por uns segundos.

- Pode ser que a Emma tenha saído com estas coisas. Precisamos de saber se mais alguém viu ou ouviu algo naquela noite. - disse Morais, voltando-se para Sousa. - Vamos conversar com os vizinhos.

Os agentes foram de porta em porta, perguntar se alguém tinha visto ou ouvido algo incomum na noite anterior. A maioria dos vizinhos não tinha informações úteis, até que chegaram à casa da Sra. Almeida, uma idosa que morava ao lado.

- Desculpe por incomodá-la a esta hora. Estamos a investigar o desaparecimento da menina da casa ao lado, Emma Barbosa. A senhora viu ou ouviu algo ontem à noite? - perguntou Morais, gentilmente.

A Sra. Almeida olhou com um ar preocupado e disse:

-Bem...agora que falam nisso, ouvi vozes e vi duas sombras perto do rio, por volta das onze. Pareciam ser crianças, mas não consegui distinguir quem eram. – disse ela.

- Obrigada, senhora Almeida. Foi uma ajuda valiosa. – respondeu Morais, sentido que estava cada vez mais perto da verdade.

Os agentes retornaram à área de busca, com a nova informação fornecida pela Sra. Almeida. O agente Morais refletia sobre as sombras e vozes vistas e ouvidas perto do rio, havia demasiadas pontas soltas e testemunhos que não batiam certo.

- Concentrem-se na área ao redor do rio. Precisamos de examinar cada centímetro, especialmente onde a Sra. Almeida diz que viu as sombras. - ordenou Morais.

O agente Sousa e um grupo de agentes foram até a margem esquerda do rio, enquanto o agente Morais ficou na margem direita. A equipa começou a espalhar-se, para encontrarem mais pistas ou melhor ainda, a Emma. O silêncio era quebrado apenas pelo farfalhar das folhas e pelo som da água corrente.

Enquanto isso, a Elisa estava sentada na sala, a observar os policiais em ação. Ela parecia incomodada, não conseguia parar quieta e ainda não tinha dito uma palavra desde que o agente Morais abandonara a casa dos Barbosa. A mãe, tentando encontrar algum consolo, abraçou a filha.

- Elisa, querida, tens a certeza de que não sabes de mais nada? Qualquer coisa que te lembres pode ser uma ajuda preciosa para encontrar a tua irmã. - disse ela, com a voz triste.

Elisa olhou para a mãe com os olhos cheios de lágrimas, mas não disse nada. O pai aproximou-se, tentando manter a calma.

- Precisamos de confiar nos agentes, eles vão encontrar a Emma. - disse ele, mais para si mesmo do que para elas.

Do lado de fora, o agente Morais continuava a procurar pistas. Ele examinava a vegetação próxima à margem quando começa a ouvir ao longe a voz da Srª Barbosa a chamar por Elisa.

- Elisa! Onde estás? - gritava a Srª Barbosa, visivelmente em pânico.

A Elisa tinha desaparecido. Isso levou a que o agente Morais se questionasse, será que a menina tinha fugido por medo ou havia algo mais?

- Precisamos de a encontrar. Rápido! – disse Sousa, enquanto organizava os agentes para uma busca imediata.

A busca por a Elisa começou, e os agentes espalharam-se pelos arredores da casa. O Morais sentiu que alguma coisa não batia. Enquanto isso, uma colega da judiciaria também envolvida no caso, voltou da casa com uma expressão preocupada.

- Morais, encontrámos este caderno no quarto das gémeas, em cima da cama da Elisa. Parece um diário! - disse ela, enquanto o entregava ao agente.

O agente Morais abriu o diário e começou a ler. As páginas estavam cheias de relatos inocentes do dia a dia das meninas, até que uma parte chamou a sua atenção, *"27 de julho de 2023: Consegui convencer a Emma a vir comigo numa “aventura”. Eu disse-lhe que tinha uma surpresa perto do rio. Ela ficou animada. Espero que tudo dê certo."* O coração de Morais acelerou. A Elisa tinha planeado tudo.

O agente Morais segurou o diário da Elisa com mais firmeza. As palavras escritas revelavam algo mais sombrio do que um simples acidente. A necessidade de interrogar Elisa novamente era urgente, mas primeiro, precisava de conversar com Sousa.

- Sousa, preciso falar contigo. - Chamou Morais, afastando-se um pouco da casa.

Sousa aproximou-se rapidamente, com uma expressão de preocupação.

- O que é que se passa?

Rapidamente, Morais entrega o diário da Elisa para as mãos de Sousa.

- Lê esta parte. Parece que a Elisa planeou alguma coisa com a Emma na noite em que ela desapareceu. Não podemos ignorar isto. - Disse Morais, ao apontar para a data escrita no diário.

-Isto é muito importante para a investigação, Morais! Pode ser que se falarmos com a Elisa ela nos leve até à Emma, temos de a encontrar.

Voltaram para dentro da casa, para ver se já havia novidades do paradeiro da Elisa quando se depararam com a Elisa sentada no sofá, com um ursinho de peluche na mão. A agente Freitas tinha encontrado a Elisa escondida num armário da garagem. A mãe olhou para os agentes com olhos ansiosos.

-Encontraram alguma coisa? - perguntou ela.

O agente Morais, pediu permissão para se sentar.

- Precisamos conversar com a Elisa novamente. Sozinhos, pode ser? – perguntou ele.

A senhora, deu-lhes permissão e saiu para a cozinha, para os agentes ficarem à vontade com a Elisa.

- Elisa, encontramos teu diário. Tens algo que nos queiras contar sobre a noite em que Emma desapareceu? - perguntou Morais, pacificamente.

Elisa começou a tremer ligeiramente, apertando o ursinho com mais força.

- Eu... eu só queria ter uma aventura. Não queria que nada de mal acontecesse. - disse ela, com a voz fraca.

Morais inclinou-se um pouco, ficando um pouco mais perto dela.

- No teu diário, escreveste que convenceste a Emma a ir contigo para o rio. O que é que aconteceu exatamente? - perguntou ele, tentando manter a voz calma e reconfortante.

A Elisa não aguentou, e começou a chorar.

- Eu disse a Emma que tinha uma surpresa para ela no rio. Ela ficou animada, mas... quando chegámos lá, eu desafiei-a a atravessar a pequena ponte. Eu só queria brincar. - Confessou Elisa, soluçando.

O Morais trocou um olhar com Sousa. A história começava a fazer mais sentido, mas ainda faltavam peças importantes.

- E depois? O que é que aconteceu? – perguntou Sousa.

- A Emma tentou atravessar, mas escorregou e bateu com a cabeça, estava a deitar muito sangue e ela estava desmaiada. Eu fui lá e tentei acordá-la, mas não consegui, depois empurrei-a para a água porque não sabia o que fazer. Eu fiquei com medo e corri de volta para casa. Eu não queria que ela se magoasse, eu juro! - disse ela, com os olhos arregalados de medo e arrependimento.

Morais colocou a mão no ombro da Elisa, para tentar que ela se acalmasse.

- Está bem, Elisa. Foi um acidente. Mas precisamos de saber onde exatamente é que isso aconteceu. Precisamos de encontrar a tua irmã. - disse ele.

A Elisa apontou na direção do rio, que se via pela janela da sua casa, mas parecia hesitante em dar mais detalhes. O agente Morais sabia que tinham de agir rapidamente, mas também precisavam lidar com cuidado com a emoção da criança, que não parecia perceber a gravidade do acontecimento.

- Sousa, organiza uma equipa para explorar a área perto da ponte. Levem os cães também. - Instruiu Morais. – Eu vou falar com os pais.

O agente Sousa saiu para organizar a busca. Enquanto isso, Morais voltou a falar com a família.

- Sr. Barbosa, Srª Barbosa, temos de falar...

O agente Morais contou tudo o que a Elisa lhes tinha dito. Os pais ficaram de rastos, como é que puderam deixar que isto tivesse acontecido?

-Precisamos de continuar a busca. Acreditamos que Emma está perto do rio, onde Elisa mencionou. Fiquem fortes, vamos encontrá-la. - disse ele.

A mulher soluçou, e abraçou o marido com força. Estavam devastados, mas sabiam que a busca tinha de continuar.

Lá fora, a equipa de busca organizada pelo Sousa movia-se rapidamente, focada na nova área indicada por Elisa. O agente Morais foi com eles, determinado a encontrar a menina e trazer algum tipo de encerramento para aquele capítulo terrível.

A noite já ia longa! Enquanto andavam ao longo do rio, os agentes usavam lanternas para iluminar cada canto, cada arbusto, cada margem. O som dos cães e dos agentes a gritar o nome da Emma (apesar de saberem que a pequena estava provavelmente sem vida) preenchia o ar. A determinação para encontrar a Emma era enorme.

Passadas uns bons minutos de busca, finalmente ouve-se um dos agentes a chamar por Morais.

- Aqui! Encontramos algo!

O Morais foi até o local, onde viu uma pequena ponte de madeira, mal conservada, com uma das tábuas partidas. Ele olhou à volta, para tentar identificar qualquer sinal da Emma, mas não havia nada visível além da tábua partida.

- Continuem a busca, verifiquem os arredores. Ela não pode estar longe. - ordenou Morais.

Enquanto os agentes continuavam a busca, Morais sentiu uma sensação de frustração. As palavras da Elisa ecoavam na sua cabeça.

De volta à casa, os pais de Emma e da Elisa esperavam ansiosamente, e tentavam encontrar forças para não entrarem em desespero. A verdade estava a vir ao de cima lentamente, mas a dor da perda e da incerteza sobre o destino da Emma continuavam a assombrar cada momento. O agente Morais sabia que precisava de encontrar a Emma rapidamente, não apenas pela família, mas também para aliviar o peso que Elisa carregava. A busca continuava, e ele estava determinado a não desistir até que encontrassem a menina desaparecida.

A busca pela Emma retomou logo de seguida, pelas cinco da manhã.

A equipa do agente Sousa foi para o terreno perto da ponte para procurarem melhor, com a luz do dia.

Um dos cães começou a ladrar. O Morais e o Sousa seguiram o som até uma área mais profunda do rio, onde a corrente era mais forte.

- Aqui! Rápido! - gritou Sousa.

Quando chegarem ao local, viram um corpo a boiar na água, era a Emma, presa entre alguns ramos. Com cuidado, os agentes retiraram o corpo da Emma do rio, e colocaram-na numa maca. A expressão tranquila na cara da menina contrastava com a agitação ao redor.

-Meu Deus... – sussurrou Morais, enquanto tirava o chapéu e o segurava contra o peito.

Os agentes retiraram cuidadosamente o corpo da Emma do rio, e colocaram-na numa maca.

A ambulância dirigia-se para o Hospital. O silêncio pesado acompanhou o caminho até lá, onde a família esperava ansiosamente.

Ao ver o corpo pálido de Emma, a mãe desabou em lágrimas, e abraçou o corpo da filha com força. O pai chorava silenciosamente, e tentava consolar a esposa e a filha ao mesmo tempo.

O agente Morais observou a cena, com um nó na garganta. Aproximou-se da Elisa, que estava imóvel, abraçada ao seu ursinho, com os olhos arregalados e cheios de culpa.

-Elisa, tu fizeste o que achavas certo no momento. Foi um acidente trágico, mas ninguém está a culpar-te. - disse Morais, ao tentar acalmar a menina.

A Elisa olhou para ele com lágrimas a escorrer pelo rosto.

- Eu só queria que fosse uma aventura. Não queria que nada de mal tivesse acontecido. - Murmurou ela, soluçando.

A mãe, ainda a chorar, olhou para Elisa e estendeu a mão para a filha. Elisa hesitou por um momento, mas depois correu para os braços da mãe, onde chorou desalmadamente. Os pais e a filha abraçaram-se com força, formando um círculo de dor e consolo.

O Morais e o Sousa afastaram-se, para darem espaço à família. Eles sabiam que o momento era delicado e que a família precisava de muito apoio para superar a tragédia.

- Fizemos tudo o que podíamos, Sousa. Agora é hora lhes dar espaço para que eles possam processar o luto. - disse Morais, com a voz pesada.

O Sousa abanou a cabeça, enquanto olhava para a família com uma mistura de tristeza e empatia.

- Vamos escrever nossos relatórios e certificar-nos de que a família recebe o apoio necessário. - respondeu Sousa.

Enquanto os agentes se afastavam, a luz da manhã começava a iluminar o céu, trazendo um novo dia. A tragédia que tinha acontecido era uma cicatriz permanente na vida da família Barbosa, mas o Morais esperava que, com o tempo, eles encontrassem um caminho para atenuar a dor.

Com um suspiro profundo, o Morais e o Sousa entraram nos carros de patrulha e partiram, deixando a casa dos Barbosa para trás. A vida ia continuar, e o trabalho deles também, mas a lembrança daquele acidente trágico ia permanecer nas suas memórias para sempre.

A busca pela verdade tinha terminado, mas o impacto das revelações e das ações daquela noite ia perdurar por muito tempo. A pequena Emma estava em paz agora, era a hora de a família começar um novo caminho.